

Por que odiamos

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente / Publisher

Jézio Hernani Bomfim Gutierrez

Superintendente Administrativo e Financeiro

William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Júlio Cesar Torres

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Maurício Fúncia de Bonis

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Ricardo D'Elia Matheus

Sílvia Maria Azevedo

Tatiana Noronha de Souza

Trajan Sardenberg

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

MICHAEL RUSE

Por que odiamos
Entendendo as raízes dos
conflitos humanos



Tradução
Miguel Yoshida



Título original: *Why We Hate: Understanding the Roots of Human Conflict*

© 2022 Oxford University Press

© 2025 Editora Unesp

Why We Hate: Understanding the Roots of Human Conflict is originally published in English in 2022. This translation is published by arrangement with Oxford University Press.

Editora Unesp is solely responsible for this translation from the original work and Oxford University Press shall have no liability for any errors, omissions or inaccuracies or ambiguities in such translation or for any losses caused by reliance thereon.

Por que odiamos: entendendo as raízes dos conflitos humanos foi originalmente publicado em inglês em 2022. Esta tradução é publicada por acordo com a Oxford University Press. A Editora Unesp é o único responsável por esta tradução da obra original e a Oxford University Press não terá nenhuma responsabilidade por quaisquer erros, omissões, imprecisões ou ambiguidades em tal tradução ou por quaisquer perdas causadas pela confiança nisso.

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

www.livrariaunesp.com.br

atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

R951p

Ruse, Michael

Por que odiamos: entendendo as raízes dos conflitos humanos / Michael Ruse; traduzido por Miguel Yoshida. – São Paulo: Editora Unesp, 2025.

Tradução de: *Why We Hate: Understanding the Roots of Human Conflict*
Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-253-3

1. Filosofia. 2. Psicologia. 3. Biologia. 4. Antropologia. 5. Sociobiologia. 6. Arqueologia. 7. Sociologia. I. Yoshida, Miguel. II. Título.

2024-4075

CDD 100

CDU 1

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

*À memória dos membros da reunião mensal da
Sociedade Religiosa dos Amigos (quakers) de Warwickshire,
os quais, nos anos após a Segunda Guerra Mundial, deram
tanto às crianças no grupo e cuja influência amorosa
orientou e enriqueceu toda a minha vida.*

Sumário

Figuras . 9

Prefácio . 11

Agradecimentos . 15

Por que odiamos

Introdução . 19

1 A biologia da guerra . 43

2 A biologia do preconceito . 85

3 A cultura da guerra . 147

4 A cultura do preconceito . 193

5 Avançando . 245

Epílogo . 303

Referências . 305

Figuras

- I.1 – A história da vida na Terra . 20
- I.2 – A árvore da vida, de Ernst Haeckel, *Generelle Morphologie der Organismen* (1866) . 26
- I.3 – Estrutura do argumento da *Origem* . 27
- I.1 – A tapeçaria de Bayeux . 44
- I.2 – Cartaz estadunidense de recrutamento para a Primeira Guerra Mundial . 52
- I.3 – A densidade populacional de humanos nos últimos 200 mil anos . 59
- I.4 – Pintura rupestre de um suposto humano assassino . 72
- 2.1 – A história dos caçadores-coletores europeus . 96
- 2.2 – A difusão da cerâmica campaniforme para as ilhas britânicas . 97
- 2.3 – Lápides da Primeira Guerra Mundial . 105
- 2.4 – Neandertal . 110
- 2.5 – Ancestralidade neandertal nos humanos hoje em dia . 112
- 2.6 – Ancestralidade denisovana nos humanos hoje em dia . 113

- 2.7 – O famoso ator shakespeariano Brian Bedford em cena como Lady Bracknell . 115
- 2.8 – Atividade homossexual grega . 117
- 2.9 – Duração das comunas seculares em comparação com comunas religiosas . 124
- 2.10 – Franklin Roosevelt em cadeira de rodas . 127
- 2.11 – *In Bedlam* (William Hogarth, da série *A Rake's Progress*) . 131
- 2.12 – Desenho de judeus como vermes, do *Der Stürme* . 138
- 2.13 – Cartaz de *O judeu Süß* . 139
- 4.1 – Mudanças entre 1985-2016, entre aqueles com diploma universitário e aqueles sem . 205
- 4.2 – Cartaz para venda de escravos . 212
- 4.3 – Vitral memorial a Oscar Wilde na Abadia de Westminster . 217
- 4.4 – Esqueleto de Ricardo III . 228
- 4.5 – Hitler e crianças . 237
- 5.1 – Brexit: com escolaridade *versus* sem escolaridade . 266
- 5.2 – Brexit: ricos *versus* pobres . 266
- 5.3 – Brexit: felizes com a vida *versus* infelizes com a vida . 267
- 5.4 – Cartaz de recrutamento de 1918 direcionado aos afro-americanos . 278
- 5.5 – Colégio de ensino médio Robert E. Lee . 280

Prefácio

Eu fui criado como um *quaker* nos anos após a Segunda Guerra Mundial. Os *quakers* não têm os aparatos comuns da religião – pastores, igrejas (“campanários” como as chamávamos antigamente), ou credos, dogmas e esse tipo de coisa. Contudo, concluir que *quakers* não têm fortes crenças é cometer um grande erro. Eles estão à mesma altura de São Paulo. Acima de tudo, para mim, ser um quaker significou ser parte de uma comunidade com meus semelhantes, seres humanos. Nós nunca fomos muito bons em leituras literais da Bíblia, mas levávamos o Sermão da Montanha bastante a sério. “Ouvistes que foi dito: ‘Olho por olho e dente por dente’. Eu, porém, vos digo: não resistais ao mau, mas se alguém te golpeia na face direita oferece-lhe também a esquerda” (Mateus 5:38-39). E: “Ouvistes que foi dito: ‘Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo’. Porém, eu vos digo: amai os vossos inimigos, abençoai os que vos amaldiçoam, fazei bem aos que vos odeiam e orai por aqueles que vos maltratam e vos perseguem (Mateus 5:43-44).

Esse é o nosso papel na vida e a maneira pela qual servimos nosso Senhor. Amar outros seres humanos. Os quakers falam

da “luz interior”, a de Deus em toda pessoa, e que ressoa até hoje. A grande elegia do poeta metafísico John Donne, exposta na parede de quase todas as casas de encontro em que os quakers se reúnem para os cultos em silêncio, sempre me inspirou e de certa maneira me assombrou:

Nenhum homem é uma ilha,
Completo em si mesmo,
Cada homem é uma parte do continente,
Uma parte do todo.
Se um torrão de terra for levado até o mar,
A Europa diminui.
Como se fosse um promontório.
Como se fosse um solar de um amigo
Ou o teu próprio:
A morte de cada homem me diminui,
pois sou parte da humanidade,
E, por isso, nunca pergunte por quem os sinos dobram;
Eles dobram por ti.

(Meditação 17, *Devoções para ocasiões emergentes*, 1624)

Eis o paradoxo que nunca me abandonou, não mudou quando perdi a fé aos 20 anos de idade. Se somos tais seres sociais, como podemos ser tão odiosos um com o outro? Na minha infância, as memórias da Segunda Guerra Mundial pairavam sobre todos nós: Polônia, a queda da França, a blitz, Barba-rossa, Pearl Harbor, Stalingrado e, no caminho para o fim, a Batalha do Bulge e o bombardeio de Dresden. Do outro lado do mundo, Hiroshima e Nagasaki. De todo modo, isso apenas confirmou o que todos já sabíamos. A Segunda Guerra

Mundial era a mais recente, mas a Primeira Guerra Mundial – a Grande Guerra – era a que permeava cada aspecto de nossa cultura. Minhas professoras no ensino fundamental eram mulheres solteiras que haviam perdido seus noivos e maridos nos campos de batalha de Flandres. Nos parques, homens solitários vagavam sem rumo – “atordoados”, “traumatizados”, como nos diziam em termos piedosos. Entrar na sala de visitas, usada apenas aos domingos e em ocasiões especiais, como funerais; ali havia uma foto do tio Bert com 18 anos de idade, orgulhoso com seu novo uniforme. Morto aos 20 em Passchendaele.¹ Depois fui ao Canadá, quando tinha 22 anos de idade, e logo descobri que foi a Grande Guerra que definiu aquele país – assim como outras partes do Commonwealth, notavelmente a Austrália e a Nova Zelândia. Os triunfos – quando os canadenses, na Páscoa de 1917, tomaram a colina de Vimy, que havia resistido a muitas outras ofensivas anteriores – e tragédias – quando em 1º de julho de 1916, o primeiro dia da Batalha do Somme, aproximadamente oitocentos membros do regimento Newfoundland avançaram nas trincheiras e na manhã seguinte, na conferência matinal, apenas 68 estavam presentes. Todos os dias, indo e vindo da universidade, eu passava pelo local de nascimento de John McCrae, autor do amplamente citado poema de guerra: “Nos campos de Flandres”.

Some-se a isso a terrível maneira como nos comportamos uns com os outros em nossa vida cotidiana. Acima de tudo, nos anos após a guerra, conforme nos tornávamos cada vez mais conscientes dos horrores do Holocausto, vimos a qual

¹ Combate da Primeira Guerra Mundial entre britânicos e aliados contra o império alemão em outubro de 1917, na Bélgica. (N. T.)

baixeza os humanos poderiam chegar. Isso era tão somente parte de uma história mais ampla de preconceito, e nenhum de nós pode olhar para a história sem culpa ou arrependimento. Ninguém que viva no sul dos EUA, como eu, pode evitar essas recordações diárias do terrível tratamento dos brancos com relação aos negros. Mais de dois séculos de escravidão seguidos por um século de Jim Crow.² Desprezo, depreciação, falta de respeito com relação a estrangeiros, a pessoas de classes distintas, a pessoas de outras etnias, àqueles de orientações sexuais minoritárias, aos adeptos de religiões diferentes, às pessoas com deficiência, aos judeus, e dos homens perante as mulheres. Não seria ingenuidade, beirando a crueldade, seguir falando sobre a natureza social – bondade inerente – dos seres humanos? Foi a nossa natureza conflitiva – tão social, tão odiosa – que me levou a escrever este livro. Eu descobri que, nas duas últimas décadas, houve descobertas e reinterpretações extremamente importantes da nossa compreensão da evolução humana. Descobertas e reinterpretações muito pertinentes para minha busca. Por fim, parece haver algumas respostas. Eu fico ao mesmo tempo impressionado e agradecido pelo que aprendi. É essa nova compreensão que quero compartilhar, menos preocupado em se você concorda ou não comigo e mais preocupado que você reconheça a importância do problema e a necessidade de continuar essa investigação. É uma obrigação moral posta a todos nós. Se você duvida de mim, pense na Ucrânia.

2 Um conjunto de leis de estados do Sul dos EUA que impunham a segregação racial na região em escolas, transportes coletivos e outros locais públicos. Essas leis estiveram em vigência entre 1877 e 1964. (N. T.)

Agradecimentos

Ao trabalhar em um projeto como este, eu percebo minha sorte em estar inserido em uma comunidade de acadêmicos que compartilham comigo a convicção de que, de um modo importante, tratar das questões deste livro deve ser um esforço conjunto. Antes de tudo, quero agradecer aos antropólogos e arqueólogos cujo foco de trabalho é a guerra e suas origens. Sobretudo Douglas Fry, da Universidade da Carolina do Norte, em Greensboro, que tem sido tão solícito quanto inspirador. Outros, que responderam de maneira gentil e encorajadora às infinitas perguntas deste completo estranho, incluindo Brian Ferguson, da Universidade Rutgers; Jonathan Haas e Matthew Piscitelli, ambos do Museu Field, em Chicago; e Brian Hayden da Universidade Simon Fraser, em British Columbia. Mais próximo do meu campo de estudos, estou como sempre em débito com John Kelsay, meu colega aqui na Universidade Estadual da Florida e um especialista em teoria da guerra justa no Islã; e também a Robert J. Richards, da Universidade de Chicago, e a Joe Cain, da University College de Londres, ambos muito importantes para me ajudar a situar o pensamento evolutivo em

um contexto mais amplo. E sou especialmente grato aos meus alunos de pós-graduação que estiveram comigo em uma viagem aos campos de batalha no norte da França, onde, na Grande Guerra, muitos de todas as nações morreram porque seus líderes os abandonaram. Esses jovens, os que vivem hoje e os que morreram ontem, me convenceram de que eu precisava escrever este livro.

Entre os mais próximos, em âmbito profissional, Peter Ohlin, da Oxford University Press, tem sido tudo que alguém poderia desejar como um editor. Ele é metuculoso, encorajador e – algo importante quando se lida com alguém como eu – capaz de demonstrar quando saio da linha e preciso repensar o que estou dizendo e escrevendo. Em âmbito pessoal, como sempre minha esposa, Lizzie, tem me dado seu amor e compreensão – capaz de demonstrar quando saio da linha e preciso repensar o que estou dizendo e escrevendo! Meus amados cairn terriers, Scruffy McGruff e Duncan Donut, estão sempre prontos para me dizer que preciso dar uma pausa e sair para uma caminhada no parque. Neste livro, me concentro na evolução dos humanos. Somos uma parte muito pequena de toda a história.

Por que odiamos



Introdução

Origens

A pré-história dos humanos começa com o Big Bang, por volta de 13,8 bilhões de anos atrás (Morison, 2014). Nosso sistema solar, aproximadamente na metade de sua vida estimada, tem cerca 4,5 bilhões de anos. O planeta Terra foi formado a partir de detritos que circundavam o Sol. A vida apareceu por volta de 3,8 bilhões de anos atrás, ou seja, assim que se tornou possível, depois dos oceanos esfriarem o suficiente para permitir sua existência e continuidade (Bada e Lazcana, 2009). Por mais ou menos metade do tempo subsequente, a vida era primitiva, organismos unicelulares – procariotes. Depois vieram os organismos multicelulares – eucariontes (ver Figura I.1).

Apesar de não ter surgido do nada, o grande evento – ao menos para nós seres humanos – foi a explosão cambriana, por volta de 550 milhões de anos atrás. Foi então que os principais grupos de seres vivos apareceram, incluindo os cordatos, um subgrupo no qual estavam os vertebrados, animais com coluna vertebral. As coisas estavam, então, avançando – peixes, anfí-

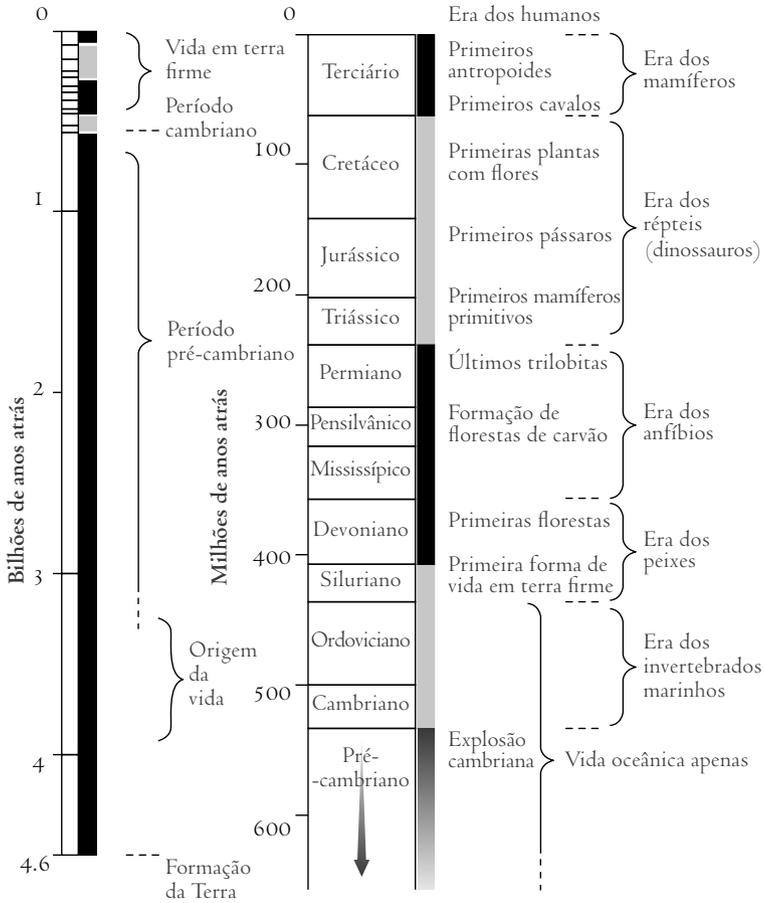


Figura I.1 – A história da vida na Terra